



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 10, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 10 - ENSINO SUPERIOR

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.02>

Recebido em: **02/08/2020**

Aprovado em: **04/08/2020**

NARRATIVAS DE ESTUDANTES: POR ONDE ANDEI ATÉ CHEGAR NA
UNIVERSIDADE; STUDENT NARRATIVES: WHERE I WALKED TO GET TO
UNIVERSITY; RÉCITS DÉTUDIANTS: OÙ JAI MARCHÉ POUR ARRIVER À
L'UNIVERSITÉ

ANA MARIA FREITAS TEIXEIRA

[HTTP://ORCID.ORG/0000-0001-9029-3676](http://ORCID.ORG/0000-0001-9029-3676)

Resumo:

O objetivo geral do texto é discutir resultados preliminares de pesquisa em andamento, focando as experiências de Bacharelados Interdisciplinares (BI's) implementados pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Trata-se de cursos de graduação organizados sob a perspectiva de formação em ciclos, todos eles implantados a partir da segunda metade dos anos 2000. O foco central aqui está, em especial, nos dados produzidos junto a estudantes BI em Energia e Sustentabilidade (BES), implantado entre 2013-2014, um dos mais recentes da instituição. Os dados foram produzidos mediante a elaboração de narrativas escritas voltadas a registrar as trajetórias educacionais que esses jovens experimentaram até o ingresso no ensino superior.

Abstract:

The general objective of the text is to discuss preliminary data from ongoing research, focusing on the experiences of Interdisciplinary Baccalaureates (BI's) implemented by the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). These are undergraduate courses organized from the perspective of training in cycles, all of which were implemented from the second half of 2000 onwards. The central focus here is especially on data produced with BI students in Energy and Sustainability (BES), implemented between 2013-2014, one of the most recent of the institution. The data were produced through the elaboration of written narratives aimed at recording the educational trajectories that these young people experienced until their entry into higher education.

Résumé:

L'objectif général de ce texte est de discuter des données préliminaires issues de la recherche en cours, en se concentrant sur les expériences des baccalauréats interdisciplinaires (BI) mis en œuvre par l'Université Fédérale du Recôncavo da Bahia (UFRB). Il s'agit de cours de premier cycle organisés dans la perspective d'une formation en cycles, qui ont tous été mis en œuvre à partir du second semestre 2000. L'accent est mis ici sur les données produites avec les étudiants en BI en énergie et durabilité (BES), mis en œuvre entre 2013-2014, l'un des plus récents de l'institution. Les données ont été produites grâce à l'élaboration de récits écrits visant à enregistrer les trajectoires éducatives que ces jeunes ont connues jusqu'à leur entrée dans l'enseignement supérieur.

Introdução

A sociedade contemporânea tem, como característica, níveis de exigência de escolarização e qualificação cada vez mais elevados. Simultaneamente, assistimos ao encolhimento do Estado no que tange às áreas sociais, a ampliação do desemprego estrutural e o aprofundamento das desigualdades socioeducacionais. O encontro entre esses ingredientes produz efeitos colaterais variados e de amplo alcance que afetam distintos seguimentos sociais dentre os quais temos os jovens mais pobres.

O que temos assistido pode ser encontrado nas reflexões de Dubar (1999): o mundo moderno anunciado pelo século XXI tem acirrado e evidenciado a precariedade de amplos setores da sociedade, situação agravada pela crise sanitária ocasionada pelo novo corona vírus SARS-CoV-2 que infecta e mata os grupos socialmente mais vulneráveis.

Por outro lado, é certo que a noção de juventude tem contornos flexíveis e múltiplos ancorada na articulação com outras categorias de análise que lhes dão maior concretude e delimitação, tais como a cultura, gênero, cor da pele, etc.

Os padrões etários que antes definiam a ‘juventude’ convivem, atualmente, com a perspectiva de que juventude refere-se, em especial, a um período caracterizado “por ambivalências, pela convivência contraditória de elementos de emancipação e subordinação, sempre em choque e negociação”, (NOVAES, 2002). Em função desses contornos em constante redefinição e passível de diferentes apropriações Pais (1990) assinala o caráter manipulável dessa categoria aproximando-se das assertivas de Bourdieu (1980) que, por sua vez, indica a maleabilidade da palavra ‘juventude’.

Nesse quadro vale salientar que uma vasta literatura se debruça sobre as dificuldades em formular uma definição rígida para o que se concebe como juventude. Fazendo uma síntese e simplificando a discussão para que ela possa caber nos limites desse artigo poderíamos dizer que a juventude remete ao sentido de indeterminação (PAIS, 2001; SPOSITO, 2009). Trata-se de uma ‘transição’ para a vida adulta que se dá de modo não automático indicando a multiplicidade de possibilidades de vivenciar a condição juvenil a partir de aspectos como renda, escolaridade, inserção profissional, rural-urbano, país de origem, dentre outros aspectos tratados, também, em Arretche (2015).

A questão é complexa e suscita diferentes possibilidades de análise em que convergem desigualdade social, origem de classe e discriminação étnica. Esse panorama foi cuidadosamente discutido por Sposito, Souza, Silva (2008) indicando as mudanças e permanências na situação dos jovens no campo da educação, trabalho e vida familiar com base nos dados sistematizados pela Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD), “compreendendo dois recortes temporais (2004-2014) da população de jovens no Brasil, situada na faixa etária de 15 a 29 anos” (p. 24).

Por outro lado as pesquisas indicam a crescente presença de jovens de camadas populares no ensino superior (PAPA; FREITAS, 2011; NOVAES, 2016;) suscitando uma série de ‘perguntas’ a respeito desse ‘novo’ estudante que ingressa, especialmente no ensino superior público. Essas ‘perguntas’ tendem a inquirir sobre os arranjos adotados por esses jovens, oriundos, em sua maioria, do ensino médio público, para enfrentar as barreiras que costumam encontrar quando se trata do prolongamento da escolaridade, tais como: movimento pendular entre escola e trabalho, inserção profissional precoce, repetência, dificuldade de acesso a bens culturais, etc.

A juventude, portanto, não é homogênea em si, não é uma condição experimentada de modo único por seus integrantes. Trata-se de considerar a juventude enquanto uma construção socio-histórica localizada culturalmente em sua pluralidade. Pais (2003) assinala as diversas formas de estar, de ser e se apresentar como jovem salientando a fluidez que acompanha a condição juvenil e explica adoção do termo ‘juventudes’.

Nesse quadro a atenção se volta para uma certa juventude: jovens estudantes que se mobilizam em torno do prolongamento de seu percurso escolar face à antiga, mas sempre atual, problemática das desigualdades educacionais.

O prolongamento da escolaridade dessa parcela da juventude brasileira tem deslocado essas personagens para o centro de um conjunto de investigações nas ciências da educação. Essas investigações têm se interessado em direcionar seus esforços aos aspectos relacionados às múltiplas articulações entre escola, trabalho, família e gênero para discutir o binômio juventude e escolarização, num esforço de deslocar o eixo investigativo das estruturas institucionais, viés que costuma prevalecer nos estudos.

Compreender sobre trajetória e acesso desses jovens que ingressam na universidade pública brasileira está no núcleo das preocupações apresentadas aqui nesse texto. Nesse esforço a contribuição de Terrail (1990) ao questionar a ideia de “destino social” que, em geral, se encontra vinculada a essas camadas da população nos parece indispensável. Do mesmo modo, a perspectiva de Zago (2006) ao mencionar as estratégias integradoras como uma possível categoria de análise nos parece oportuna para entender os caminhos percorridos por esses sujeitos. É, portanto, nesse quadro de questionamentos que nos apoiamos para a interpretação de parte dos achados de nossa pesquisa buscando analisar a narrativa de estudantes que ingressam no Bacharelado Interdisciplinar em Energia e Sustentabilidade (BES) oferecido pelo Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) localizado no município de Feira de Santana, distante cerca de 100Km de Salvador, a capital do Estado, onde se localiza um dos campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Antes de apresentarmos de modo mais detalhado o campo de pesquisa, a metodologia adotada para produção dos dados e os próprios dados seguidos de suas análises, consideramos importante tratarmos de alguns aspectos que nos parecem centrais à temática investigada sob a forma do balanço que se segue.

Breve balanço do debate

Nos últimos anos as demandas por uma maior e melhor escolarização tem ocorrido de modo dissociado das garantias de inserção, ascensão e estabilidade socioprofissional. A combinação desses elementos impõe um vasto conjunto de desafios à sociedade atingindo diretamente a população jovem que diante dessas tendências vê apenas crescer sua vulnerabilidade inerente. No Relatório "Tendências Globais de Emprego para a Juventude 2017", produzido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a estimativa era de que em 2018 seriam 70 milhões de jovens desempregados. Conforme esse documento aproximadamente um quinto dos jovens em todo o mundo não está empregado, estudando ou em treinamento.

Dados muito recentes produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua) para o 1º trimestre de 2020 indicaram que 27% dos jovens entre 18 e 24 anos estavam desempregados. A Bahia liderava esse ranking com 18,7% quando a média nacional para o período estava em 12,2%.

Quando se trata dos níveis de escolarização e tendo em mente que a conclusão do ensino médio é o pré-requisito básico obrigatório para pleitear uma vaga no ensino superior temos na Bahia, onde se situa a UFRB, que entre aqueles que abandonam a escola sem concluir o ensino médio cerca de 65% já abandonou os estudos antes mesmo de concluir a Ensino Fundamental. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC, 2018) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica: o abandono começa já no Ensino Fundamental I, sendo 20% na faixa etária entre 11 e 14 anos e sobe para 47% quando a faixa etária avança para de 14 a 17 anos, ou seja 4 entre 10 alunos ou já abandonaram a escola ou ainda não ingressaram no Ensino Médio.

De fato o aprofundamento das desigualdades de escolarização, um dos reflexos da magnitude das desigualdades sociais tem suscitado novas pesquisas que enfocam, dentre outros aspectos, as alterações nas configurações escolares entre grupos sociais e no interior de um mesmo grupo.

Um conjunto amplo de estudos (TERRAIL, 1990; VIANA, 1998; CHARLOT, 2008; PAIS, 2005; DAYREL, 2007) tem contribuído em delinear um referencial teórico-metodológico voltado a superar as análises que tendem a considerar que as camadas populares estão fadadas ao insucesso escolar. A relação família-escola tem se evidenciado como um eixo analítico na compreensão dos arranjos, estratégias e táticas que visam entender por quais meandros esses jovens rompem com seu “destino” e descrevem trajetórias que poderiam ser identificadas como exitosas.

As pesquisas que se voltam a compreender como os jovens contradizem o círculo vicioso entre pobreza e escolaridade limitada tem proliferado e uma das contribuições que encontramos está em analisar os elementos que mobilizam esses jovens a resistir ao processo de exclusão. Trata-se de um processo de exclusão que deixa de fora do sistema de ensino superior um amplo contingente da população brasileira. Segundo o Censo da Educação Superior, em 2017 apenas 18% dos jovens entre 18 e 24 anos estava na universidade (4,2 milhões) (MEC/INEP, 2017).

Certamente, não se assegura o sucesso escolar simplesmente com o acesso aos “bancos” da universidade, esse tipo de assertiva redutora acaba por empobrecer qualquer possibilidade de compreensão do fenômeno educacional, seja com base nas teorias da reprodução ou com base em qualquer outra teoria, uma vez que não inclui a possibilidade de problematizar a própria noção de ‘sucesso escolar’ integrando a ela o aspecto da permanência como dimensão fundamental.

Ao mesmo tempo não se pode esquecer que o lugar social ocupado por esses estudantes tem, também, sua eficácia explicativa ainda que não possa ser tomado como argumento determinante. Jovens de camadas populares não vivem em ‘um mar de rosas’, as dificuldades são consideráveis e convidam esses meninos e meninas a desistir quando confrontados às equações que antepõem os planos para o futuro e as condições concretas. Portanto, tornar-se um estudante universitário é uma incerteza. Por outro lado, é considerável a pluralidade de situações e contextos que podem ser designados com a palavra ‘estudante’ uma vez que cada um experimenta essa condição de uma maneira própria que pode evidenciar, por exemplo, o lugar que os estudos assumem na vida de cada um.

Para tentar entender aquilo que poderia exprimir o que significa “ser um estudante universitário” para um jovem de origem popular é preciso voltar nosso olhar para o sistema de ensino superior no Brasil.

Segundo o Censo do Ensino Superior de 2018 (MEC/INEP, 2018) o Brasil possui um total de 2.537 instituições de ensino superior (IES): 88,2% (2238) são privadas, 11,8% (299) são públicas. Dentre as IES privadas temos: 92 universidades, 217 centros universitários e 1929 faculdades, ou seja do total de IES brasileiras 76,03% são faculdades privadas. Do total de instituições públicas temos: 107 universidades, 13 centros universitários, 139 faculdades e 40 institutos federais/ centros de educação federal. Ainda considerando o total das IES públicas 42,8% são estaduais (128); 36,8% são federais (110); e 20,4% são municipais (61). Mais de 13,5 milhões de vagas em cursos de graduação foram oferecidas pelas IES em 2018 sendo 72,9% novas vagas e 26,9% de vagas remanescentes. Do total dessas vagas 93,8% estavam na rede privada e 6,2% na rede pública. Dos 3,4 milhões de ingressantes em curso de graduação, em 2018, cerca de 83,1% estavam em instituições privadas.

De fato a expansão quantitativa do ensino superior está apoiada, sobretudo, no fortalecimento do setor privado: “No período compreendido entre 2008 e 2018, a rede privada cresceu 59,3%. A rede pública aumentou 7,9% no mesmo período” (MEC/INEP, 2018). Apesar do crescimento da rede privada o ensino superior público é o mais demandado pela população, seja pela gratuidade seja pela referência de qualidade.

Frente à elevada competitividade por uma vaga na universidade pública, o acesso ao ensino superior nestas instituições representa um grande desafio a ser enfrentado por jovens oriundos das camadas populares egressos do ensino médio público tal como veremos no item que se segue.

Sobre a pesquisa e os caminhos traçados pelos jovens estudantes

Como indicamos anteriormente a pesquisa foi realizada junto a estudantes do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) um dos Centros de Ensino da UFRB, Instituição criada em 2005 num desenho *multicampi[i]* a partir do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como parte do processo de ampliação e interiorização da rede federal de ensino superior no âmbito de uma série de iniciativas do governo federal que tiveram início em 2003 e se concretizou no *Plano* de Reestruturação e *Expansão* das Universidades Federais (REUNI) instituído em 2007.

Localizado no município de Feira de Santana, a segunda maior cidade do Estado da Bahia, o Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) é um dos Centros mais recentes da UFRB tendo sido criado em 2013 com a oferta do Bacharelado Interdisciplinar em Energia e Sustentabilidade (BES) curso de 1º ciclo com duração de 3 anos. Como formação de 2º ciclo, com duração de 2 anos, o Centro oferece Bacharelado em Engenharia de Energias, de Produção, de Materiais e Tecnologia Assistiva e Acessibilidade. De modo geral o Centro atraiu jovens desejosos de uma formação inicial que os levasse a um diploma na área das engenharias, certificado que emergia como possibilidade de inserção profissional na área de petróleo e gás que mostrava-se um mercado promissor no início dos anos 2010.

Foi, então, junto a estudantes do BES que realizamos a pesquisa. O objetivo central estava em conhecer a realidade social e escolar, assim como as trajetórias de acesso ao ensino superior desses estudantes. Optamos por uma amostra aleatória de estudantes que cursavam uma etapa mais avançada do Bacharelado, ou seja entre o 4º e 5º semestres e que por isso já se encontravam melhor adaptados a condição de estudante universitário e conheciam melhor a própria estrutura do curso.

Como estratégia para produção de dados utilizamos a elaboração de narrativas escritas como ferramenta central nos aproximando do que Cunha (1998) nos indica ao tratar de relatos do vivido:

quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (p. 39).

O ato de escrever contando sobre suas experiências possibilita que o sujeito revise o vivido no cruzamento entre vida familiar, vida pessoal, vida afetiva, vida escolar, etc., permitindo que aquele que narra se desloque no tempo e no espaço. (BERTAUX, 2008). Contar sobre suas vidas permite assim que esses jovens possam elaborar seu próprio balanço sobre o vivido enquanto sujeitos e, ao mesmo tempo, projetar possibilidades de futuro. Permite também reviver e reelaborar situações.

O registro dessas narrativas ocorreu de modo não diretivo e deu-se depois de alguns encontros em que a vida acadêmica foi objeto de discussão. O ponto de partida foi “ contar o caminho que percorreram até chegarem na universidade” sem qualquer demanda por observância de parâmetros de escrita acadêmica e priorizando escritos espontâneos que pudessem refletir os desejos, sentimentos, dificuldades, descobertas e demais experiências que quisessem compartilhar. Ao elaborar sua narrativa escrita o estudante cria a possibilidade de uma experiência discursiva de elaboração para falar de si mesmo.

Desse modo, para preservar a identidade dos participantes as citações incorporadas a esse artigo contam com um sistema de código próprio combinando letras e algarismos que garante esse anonimato.

As palavras dos estudantes

Do grupo de estudantes pesquisados, 5 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, a grande maioria estudou apenas em escolas públicas e é recorrente entre eles que a passagem pelo ensino médio não tenha potencializado a inserção no ensino superior.

Se o ensino médio é uma experiência complexa para qualquer jovem dado que coincide com um período de transições em várias dimensões individuais e sociais, ela parece ser mais difícil para esses jovens desafiados a enfrentar as várias dificuldades e, porque não dizer, o estereótipo de “estudante de escola pública”: aquele que não domina inteiramente conhecimentos básicos e que deve, portanto, se desdobrar para superar as fragilidades e lacunas existentes em sua formação escolar.

Das narrativas emergem elementos que evidenciam a seletividade no acesso e permanência na universidade. É certo que a conclusão do ensino médio é a exigência básica para ter acesso ao ensino superior, mas chegar até lá envolve um leque amplo de caminhos formativos em que se encontram estudantes diferentes e unidades escolares das mais dispares.

Considerando o conjunto dos registros observamos que entre os meninos a faixa etária variava entre 21 e 24 anos enquanto entre as meninas as idades variavam entre 19 e 21 anos. Meninos e meninas ingressaram no ensino superior de forma relativamente tardia e alguns deles indicam esse aspecto em seus relatos, como veremos mais abaixo.

A partir das narrativas escritas foi possível identificar que esse “atraso” em conquistar uma vaga no ensino superior esteve, basicamente, associado a alguns aspectos, quais sejam: a) interrupção nos estudos, b) incursões diversas no mercado de trabalho para contribuir na renda familiar, c) as dúvidas quanto a área de formação a seguir associada às oportunidades existentes, resultando na realização de diferentes cursos profissionalizantes no ensino médio que, muitas vezes, não foram concluídos e, também, c) a inexistência de oferta de ensino superior na cidade de origem. A combinação desses fatores retardou a concretização da “chegada” ao ensino superior, mas deve-se observar que o trabalho continua presente na vida desses jovens mesmo depois do ingresso no BES:

A universidade, pra chegar até aqui tive uma dificuldade enorme porque na cidade que estava não tinha nenhuma universidade pública e as particulares não tinha o curso que eu desejava ..entrei na universidade com quase 23 anos relativamente velho. (M3)

Quando estava finalizando o ensino médio recebi a proposta de fazer um curso de negócios imobiliários e comecei o curso. Durante esse período apareceram vagas para um programa de ensino técnico do governo e por orientação de minha mãe eu fiz o curso técnico de radiologia e acabei fazendo esses dois cursos, aí passei numa seleção e trabalhei por dois anos numa Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24 horas) aqui em Feira de Santana e atualmente trabalho como corretor de imóveis. Queria acrescentar a minha formação aí entrei na UFRB para fazer o curso de engenharia sanitária e ambiental, mas era em Cruz das Almas e ficou muito dispendioso o deslocamento e difícil aliar trabalho e estudo, então estou migrando para o BES. (M2)

Durante o médio conciliei esse estudo com um curso de qualificação profissional de eletricidade industrial e logo depois de concluir o médio fiz

cursinho pré vestibular por cerca de um ano e meio, ai entrei numa vaga em Cruz das Almas mas tive que cancelar depois de contratempos, depois tentei de novo e consegui essa vaga no CETENS, ai nesse meio tempo de mudança fiz um curso técnico que conclui no fim de 2018 me tornando técnico em eletromecânica. Hoje que estou no BES tenho dois meios de renda para não depender tanto de meus pais (M4)

Sempre quis ir para o ramo da saúde, queria ser pediatra, mas como naquele período eu não ia conseguir ingressar no curso técnico em enfermagem fui fazer o técnico em edificações e seguir o ramo das extas. Era um curso de 4 anos e foram os 4 anos mais conturbados da minha vida e prejudicou o último ano de curso e minha condição psicológica. Ai o tempo entre 2016-2017 eu passei 6 meses sem atividade até conseguir o curso do Senai em eletricitista industrial e foi onde me interessei pela área de tecnologia e energias renováveis e consegui meu primeiro emprego e ai comecei a pensar mais sobre o ensino superior e comecei a fazer o ENEM e pesquisar cursos que encaixasse em minha situação financeira e ai em 2017 passei na UFRB (F2)

Ao finalizar o Ensino Médio comecei trabalhar pra ajudar minha família não caberia aqui falar de todos os diferentes trabalhos que passei, porém o mais importante foi o de telemarketing, pois foi meu único de carteira assinada. A universidade sempre esteve na minha lista de desejos porém a condição financeira não me permitia, outro empecilho era estudar e trabalhar para passar numa universidade pública; depois de algumas tentativas sem sucesso inicial, com esforço, entrei numa faculdade particular de engenharia de produção e ao descobri a UFRB de Feira de Santana busquei entrar (F6)

As narrativas acima indicam que nesse panorama não é simples escolher um curso ou, dito de outra forma, até que ponto há realmente uma escolha por parte do jovem. Decidir se inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio (*Enem*) e enfrentar o processo seletivo através do Sistema de Seleção Unificado (*SiSu*) já se constitui como um momento em que as desigualdades sociais se evidenciam, a medida que cada jovem olha para si para si e sua família e reflete sobre quais as suas chances: o capital cultural individual e familiar, tal como Zago (2006) nos indica, faz diferença e eles sabem disso nos ‘cálculos’ das possibilidades de que dispõem.

Fazer o Enem, aguardar o resultado da correção das provas, não zerar a prova de redação, se dar conta da pontuação obtida, escolher um curso, se inscrever no SiSu e esperar o resultado desse caminho longo pode ser uma experiência penosa para muitos jovens e, além disso um investimento pessoal e familiar considerável.

No processo de escolha por uma formação universitária o jovem tende a considerar como transcorreu a sua vida escolar, os resultados obtidos em termos de aprovações e/ou reprovações como parâmetros e mesmo pré-requisitos auto definidos que indicariam as suas chances de obter uma vaga no curso desejado. Essa é a hora de lidar com a difícil equação em que se encontram os desejos, sonhos, aspirações e as condições objetivas. Dessa forma, essas aspirações vão sendo reconfiguradas, adaptadas a um plano possível de continuidade dos estudos e a distância entre essas duas figuras, o desejado e o concretizável, tende a ser maior para aqueles que tiveram trajetórias escolares permeadas por interrupções, insucessos, frágil contato com o contexto universitário e pouca informação sobre a oferta de ensino superior na região em que vivi.

A mudança de cidade é um outro aspecto que afeta o conjunto dos jovens pesquisados. Deixar a cidade de origem, mesmo quando ela não está muito distante de Feira de Santana, significa sair da casa da família, deixar para atrás um espaço de pertencimento geográfico, afetivo e social para assumir outras responsabilidades que se integram aos obstáculos para viabilizar o ingresso numa

universidade. A essa ruptura com a condição anterior de aluno do ensino médio, com o mundo conhecido da escola e da cidade, assinaladas por Coulon (2008) soma-se a preocupação com os custos que a nova situação acarreta. Muitas vezes a rede de amigos e familiares que já realizaram esse tipo de migração anteriormente funciona como um suporte central para viabilizar o projeto de prolongar os estudos:

Pedi demissão e vim de mala cheia para Feira, sem parentes, apenas amigos que me apoiaram e já vivem aqui. A dificuldade foi imensa, muito maior que tudo que eu já tinha vivenciado (F6)

Quando meu vizinho me indicou o campus da UFRB de Feira de Santana vi a esperança de ingressar na universidade pois seria a mais próxima de minha cidade. Tive todo apoio de minha família, talvez esse seja o fator principal para espantar os pensamentos corriqueiros de desistir. Estar longe de casa, assumir uma responsabilidade maior gera medo e insegurança, inclusive as tarefas domésticas, além das dificuldades nas disciplinas e reprovações (F3)

Depois de muito esforço e apoio dos professores eu consegui alcançar a universidade, agora estou aqui estudando e morando com minha irmã levando comigo todo o apoio que recebo de todos principalmente daqueles que acreditam em mim (M1)

Numa leitura geral das narrativas aqui tratadas pode-se identificar a passagem pelo Ensino Médio intrincado por formações profissionalizantes diversas numa combinação precária entre oportunidade imediata e possibilidades remotas.

Ao mesmo tempo a busca por uma formação profissionalizante de nível médio se associa a necessidade de potencializar uma inserção no mercado de trabalho frente a contextos familiares de baixa renda, mas, também, é parte da busca por autonomia frente a essa mesma família que se pretende 'ajudar' desde que possuidor de um diploma universitário. Assim, o acesso a esse diploma significa, para amplas parcelas da população, estar melhor equipado para viabilizar uma mobilidade social e econômica capaz de produzir impactos em sua própria vida e na situação da família de origem.

A família, ademais, parece cumprir, para esses jovens, um papel importante: se de um lado, muitas vezes, o envolvimento no plano material se mostra limitado, por outro lado no plano subjetivo ela se mostra uma referência relevante para superar dificuldades.

Mas, depois de ingressar na vida universitária, as narrativas indicam claramente que os desafios se renovam demandando uma significativa mobilização de si mesmo (SCHWARTZ, 1987) elemento que se desdobra em várias passagens dos registros dos estudantes.

As reprovações e dificuldades nas disciplinas que compõem o currículo do BES é um desses novos desafios que acompanha a vida de universitário e indica que será necessário um engajamento maior para superar as lacunas na formação escolar. De fato, no que se refere às demandas cognitivas, intelectuais e relacionais o ensino superior difere bastante da experiência de estudos do ensino médio, seja ele profissionalizante ou propedêutico. As regras são mais complexas e nem sempre totalmente explícitas, a perspectiva é de questionamento, reflexão e crítica em lugar da repetição de conteúdo dos livros didáticos, a relação com os professores mostra-se mais distante e menos pessoal ao tempo que modelos de avaliação são múltiplos obrigando o estudante a lidar com uma série de mudanças no mesmo processo em que se confronta com a necessidade de desenvolver um conjunto de competências e habilidades que não foram estimuladas ao longo de sua escolarização básica.

Projeto individual e/ou social e/ou familiar o prolongamento da escolaridade para esses jovens

oriundos das camadas populares que configuram um outro perfil de estudante universitário, evidencia combinações distintas de trajetórias, estratégias e práticas que, algumas vezes, podem indicar o improvável. Trazer o improvável para o centro das pesquisas nos parece um convite inadiável para as Ciências da Educação e contribuir com esse propósito está na origem das reflexões aqui apresentadas.

Considerações finais

A temática de que tratamos aqui tem, nos últimos anos, ganhado visibilidade nas pesquisas educacionais. A emergência desse tema reflete as mudanças no perfil do estudante universitário, bem como os desafios relacionados a, ao menos, minimizar as desigualdades sociais e regionais de acesso ao conhecimento. Associa-se a isso o desafio de incluir esses ‘outros’ jovens no ensino superior favorecendo as transições entre o ensino médio e as universidades, bem como as ações de permanência.

A inserção lenta e gradual dos estudantes oriundos das camadas populares no ensino superior brasileiro se associa ao processo de democratização e interiorização da oferta desse nível de estudo no qual a UFRB é um exemplo na região.

As narrativas elaboradas indicam a situação de defasagem idade-série, os deslocamentos exigidos para se inserir no Bacharelado Interdisciplinar do CETENS em Feira de Santana, a compatibilização entre a condição de estudante e de trabalhador, as limitações financeiras, mas a conquista de uma vaga numa IES pública federal se mostra como fonte de reconhecimento social.

Outro aspecto que emerge das narrativas escritas é o papel desempenhado pelas redes de apoio da qual participam familiares e amigos. Os estudantes reconhecem e valorizam esse suporte material, afetivo e psicológico que, inclusive acaba por funcionar como um antídoto às ideias de desistência e abandono do BI. Contudo, simultaneamente, a conquista do estatuto de estudante universitário em uma universidade pública reconhecida socialmente por sua seletividade também produz um certo sofrimento tal como registrado por um dos jovens:

Vou pra minha cidade nos finais de semana possíveis e o mais difícil é ter que lidar com a saudade de casa e, ao mesmo tempo ser exposta a tanta pressão psicológica que é construída socialmente sobre o estudante de universidade federal. (F4)

Por outro lado, vale observar que a entrada desses jovens, egressos do ensino médio público, na universidade não resolve automaticamente a questão das desigualdades socioeducacionais das quais são, também, um produto tal como assinala Duru-Bellat (2003).

É nesse panorama que as investigações sobre a crescente presença de jovens originários de famílias populares mostram-se relevantes, na medida em que melhor compreender as condições e circunstâncias que caracterizam a construção de trajetórias escolares que contrariam os destinos sociais pode contribuir para uma perspectiva renovada sobre processos de escolarização em diferentes meios sociais.

Referências:

- ARRETCHE, Marta (Org.). **Trajetórias das desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Edunesp, 2015.
- BERTAUX, D. **Narrativa de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal, RN: Ed. UFRN, São Paulo: Paulus, 2008.
- BOURDIEU, P. La jeunesse n'est qu'un mot. In **Question de Sociologie**. Paris: Édition Minitext, 1980.
- CARRANO, P.C.R. Jovens universitários. In: SPOSITO, M.P. **Juventude e escolarização (1980-1998)**. MEC/Inep/Comped, 2002.
- COULON, A. **A Condição de Estudante - A entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- CUNHA, M. I. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.
- DAYREL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, n.100. Campinas, out. 2007.
- DUBAR, C. Réflexions sociologiques sur la notion d'insertion. In: CHARLOT, B. e GLASMAN, D. (dir.). **l'insertion, l'emploi**. Collection Essai&Recherches. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- DURU-BELLAT, M. **Les inégalités sociales à l'école**: gènes et mythes. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- GALLAND, O. **Sociologie de la Jeunesse**. Paris: Armand Colin Éditeur, 1991.
- IBGE, **Censo demográfico**, 2000. Disponível em: [. Acesso em: 16 fev.2009.](#)
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, trimestre janeiro a março 2020. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em 01 jul.2020
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua -Pnad Contínua, 2020. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=destaques>>. Acesso em 16 jul. 2020
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo de educação superior*. :INEP, 2018.
- MEC/INEP. Censo do Ensino Superior 2017. Resumo Técnico. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentacao-a-o-censo-superior-ultimo/file>>. Acesso em jul. 2020.
- MEC/INEP. Censo do Ensino Superior 2018. Resumo Técnico. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior. Acesso em: 01 jul. 2020.
- MEYER, D. E., PARAISO, M. A. (orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NOVAES, R. et al. **Agenda Juventude Brasil**: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: Uniric

NOVAES, R. **Juventude e Sociedade**: Jogos de Espelhos. In: *Sociologia especial*, ano I, nº.2, 2002.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. "Tendências Globais de Emprego para a Juventude 2017". Disponível em 01 jul. 2020.

PAIS, J. M. **Ganchos Tachos e Biscates**. 2ª edição, Porto: Ámbar, 2005.

PAPA, F. de C.; FREITAS, M. V. de (Org.). **Juventude em pauta**: políticas públicas no Brasil. São Paulo: 2011.

PASSERON, J-C. O mapa e o observatório. Alguns problemas atuais da pesquisa em Sociologia da Educação **Educação**, Porto Alegre, n. 3, p. 69-88, 1991.

SCHWARTZ, Y. Travail et usage de soi. In: BERTRAND, M. (et alii.). **Je, Sur l'Individualité**. Paris, Messid

SPOSITO, M.; SOUZA, R; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a par quantitativos. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, e170308, 2018.

SPOSITO, M.P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa na Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005

SPOSITO, M. P. (Coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciência serviço social (1999-2006). V. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

TERRAIL, P. L'issue scolaire : de quelques histoires de transfuges. In : **Destins ouvriers: la fin d'une cla** :PUF, 1990.

VIANA, M.J.B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibil** (Tese de Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas gerais, Belo Horiz

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percurso de estudantes universitários de camada: **Revista Brasileira de Educação**. V.11, nº 32, maio/ago. 2006.

[1] Atualmente, a UFRB conta com um total de 7 Centros de Ensino: Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas (CCAAB) e o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC) localizados no município de Cruz das Almas, onde se localiza a administração central Instituição ; Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL) em Cachoeira; Centro de Ciências da Saúde (CCS) situado em Santo Antônio de Jesus; Centro de Formação de Professores (CFP) com sede em Amargosa; Centro de Cultura Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) em Santo Amaro da Purificação e o Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), em Feira de Santana.

**Doutora em Educação pela Universidade de Paris 8. Professora Associada do Centro de Cultura Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECULT/UFRB). Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade E-mail: anabrteixeira@hotmail.com. O texto analisa dados preliminares do projeto de Pesquisa: “A Entrada na vida Universitária: Processo de afiliação de estudantes de Bacharelados Interdisciplinares na Universidade Federal do Recôncavo Da Bahia (UFRB), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).